

ULANOS NO BRASIL



NUMA fotografia da época aqui aparecem, com os vistosos uniformes que durante 55 anos cufetaram a cidade, os ulanos de Santa Cruz, RGS, em dia de formatura.

Recordações e fotografias guardadas durante anos com precaução e mistérios mostram a seguir como se comportavam esses "lanceiros"

Reportagem de Carlos GALVÃO KREBS

Foi uma trabalhadora redescobrir os ulanos. Afinal me vi frente a frente com Augusto Spengler. Bem poderia chamá-lo de o último ulano. Está velhinho. Enxerga muito pouco. Para movimentar-se precisa dispendir enorme energia inicialmente, em passos miudinhos, até caminhar com maior desembaraço. Apesar de tudo conserva excelente bom humor. Preveni-me para vencer suas prováveis resistências: fiz-me apresentar por um de seus netos. Chegasse eu sozinho e lhe pedisse sem mais nem menos que me contasse dos ulanos, e ele ficaria mudo. Ou despiraria. O colono tem um terror pânico da polícia, em face da "nacionalização" empreendida durante a última guerra.

Augusto Spengler, trabalhador modesto e de pouca instrução, hoje com seus oitenta e seis invernos, crê até agora que a compressão policial foi "revolução". Quando a polícia bateu na casa de outro ulano, perto da sua, ele queimou tudo o que ainda conservava: fardamento, estandarte, capacete, tudo. Eu, em busca do folclore teuto-brasileiro do Sul do Brasil, fiquei desolado com a notícia. Nada, nada restava? Nem uma fotografia? Não, nada restava. Afinal, com certo constrangimento, foram retirados da parede dois quadrinhos com retratos familiares. E de baixo deles, ocultas pela capa de papelão, surgiram as primeiras fotografias dos ulanos... Como se fossem documentos comprometedores, provas de crime contra a segurança nacional, evidências de atividade nazista, que se escondem sob pena de morte. Toda esta prudência se justificava naqueles dias sombrios em que o "quebra-quebra" desencadeava sua fúria no Brasil. Ademais, não arrecaudou a polícia de então, como elementos de propaganda nazista, livros de receitas culinárias, obras de Goethe e de Schiller? Não confiscou velhas espingardas imprestáveis, que se conservavam tradicionalmente nos "Schützenvereine"? Que não faria, se encontrasse fardamentos dos ulanos, suas lanças com bizarros galhardetes?

Foi por isso que Augusto Spengler, o último ulano guardava suas recordações com tanta sombra de mistério.

No entanto, os ulanos nada mais e-

ram do que um simples clube desportivo. Os colonos, herdeiros diretos e próximos da cultura e da psicologia germânica, ficaram praticamente abandonados por nós durante um século. Verdadeiros marginais da nossa cultura, eles se apegavam às remotas tradições dos antepassados. Se bem que inconsciente, foi uma trágica luta por padrões de cultura. Pobres deles se não tivessem feito isso. Teriam perdido as tradições germânicas, sem possibilidade de apropriar-se das brasileiras.

Hoje passada a tormenta da guerra, pode-se falar no caso sem ser apedrejado, felizmente. Pois os ulanos desfilarão o garbo de seus uniformes vistosos durante cinquenta e cinco anos pelas ruas da pacata cidade de Santa Cruz, RGS.

QUE FAZIAM OS ULANOS

Na origem, o ulano é um combatente a cavalo, um lanceiro do antigo exército de nações europeias, como a Áustria, a Rússia, a Alemanha. Copiado o uniforme, e adaptado à região colonial alemã de Santa Cruz, amoldada a organização aos novos fins em vista, os aguerridos ulanos europeus aqui se transformaram em desportistas disciplinados, sim, mas folgazões. Conservaram a estrutura militar: comandante, oficiais e simples cavalariários. Como armas, aqueles usavam espada e estes a lança, evidentemente virgens de qualquer sangue, a não ser do de alguma novilha sacrificada ategremente num churrasco. Ai já vemos aparecer o abraqueiramento da coisa, e involuntário, que é o melhor: ao invés de sela militar, montam em arreios comuns, de uso quotidianos, apenas recoberto por uma simples badana branca para dar-lhes uniformidade. Mas frequentemente aparecem os estribos de meia-picaria, bem gaúchos. A farda era de um colorido rico e vivo. Dizem que o modelo veio da Alemanha, o que deve ser verdade. As guarnições, as dragonas, afirma Augusto Spengler terem sido trazidas de lá pelo dr. Heinz von Ortemberg. Outro informante diz ser engano: a fundação do clube dos ulanos é anterior a isso. De qualquer forma, o capacete é de

couro preto, brilhante, de pala curta, munido de barbicacho semi-mptálico, com um pequeno retângulo na parte superior, donde sai um penacho de crina. Consegui recolher, posteriormente, um destes capacetes estragado pelo abandono e pelo tempo. Eram fabricados — melhor: manufaturados — por um artífice de Vila Teresa, hoje falecido. Ao procurar recompor o que trouxe, verifiquei que nem em Porto Alegre existe alguém capaz de reconstituí-lo. Tive de levá-lo para São Paulo. A túnica dos ulanos era negra, com peito, punhos e gola vermelha. As dragonas, debruadas de metal, variavam de cor segundo a graduação na hierarquia. Do capacete caía um torsal branco, que rodeava o pescoço e terminava em duas borlas, sobre o lado esquerdo do peito. A calça era branca, mais parecida a bombacha que propriamente a culote. Quaisquer botas pretas serviam, variando muito os tipos usados.

— Mas que faziam os ulanos, senhor Spengler? — perguntamos.

O velhinho respondeu logo, no seu português misturado ao alemão:

— Exercícios com alvo de couro, para usar a lança... passeio a cavalo, formados... acampamento ali na várzea... "und wir haben getrunken, getantzt"...

→→→

DIPLOMA do centenário da colonização alemã, conferido a Augusto Spengler.





ESTES 4 aguerridos ulanos estão selando um pacto... esportivo. O terceiro da esq. para a dir. é o colono Augusto Spengler, hoje com 86 anos (foto ao lado). AUGUSTO Spengler, com seus documentos e recordações, tornou possível esta reportagem.

alguns como o lançador da idéia, o próprio Augusto Spengler, então com dezoito anos, Henrique Filter, Wilhelm Arnt, Christiano Stumpf, George Eichenberg, Wilhelm Jäger, João Kroth, e outros.

O Ulanenclub de Santa Cruz foi fundado em 1883. Em 1896 havia outros dois clubes no interior do município: Ferraz e Rio Pardiniho. Tinham idêntica organização e as mesmas finalidades, mas uniforme não tão vistoso. Reuniram-se os três e fundaram o "Ulanenbund", a federação dos ulanos. Não pude saber até quando durou a federação, nem por quanto tempo viveram os clubes de Ferraz e Rio Pardiniho. Mas o de Santa Cruz viveu até 1937 ou 1938. Foi quando os reflexos da guerra no Brasil lhe deram o tiro de morte, como vimos atrás.

OS HUSSARDOS

Mas a maior surpresa foi a revelação do sr. Helmuth Schütz, santacruzense da gema e grande industrial. Ele foi utilíssimo em toda a pesquisa, aliás, como seu filho Ed. É que em 1949, fazendo algumas conferências em São Paulo sobre o folclore teuto-brasileiro do Sul, tive oportunidade de lamentar não havermos sabido aproveitar as tradições alemãs em benefício da aculturação germânica no Rio

Grande do Sul. Disse, textualmente, que teríamos podido abrigar, dentre outras tradições, a dos ulanos. Talvez fundi-la com a das cavalcadas, tão brasileiras. Pois Helmuth Schütz testemunhou o seguinte:

Na Picada Velha, ainda no município de Santa Cruz, no fim do século passado e princípios deste, existiu também uma tropa de hussardos. O hussardo foi um soldado de cavalaria ligeira, criado pelo exército húngaro e logo imitado em muitas nações europeias. Tudo leva a crer que os hussardos da Picada Velha lá chegaram via Alemanha. Organização e finalidade, provavelmente idênticas às dos ulanos. Só o fardamento, de barrete francês, creio ter sido mais elegante. A surpresa está em que os hussardos da Picada Velha falavam português! Todas as suas vozes de comando eram as do exército brasileiro. Quanto a isto não paira dúvida. Aparentemente incrível, o fato tem explicação simples, segura e verdadeira. Os seus fundadores, ou as suas figuras principais foram os Werlang, soldados brasileiros veteranos da Guerra do Paraguai. Sua atividade foi liquidada com a guerra de 1914.

A LIÇÃO DO PASSADO

Isto significa muito. Primeiro, que foi historicamente possível e prova-

do o abrigamento que se preconizava para tais organizações. Em segundo lugar, que a compressão verificada a partir de 1937 contra essas sociedades desportivas e recreativas, não era coisa original. Já em 1914 matamos os hussardos da Picada Velha, embora falassem a língua nacional e fossem liderados por soldados brasileiros, veteranos da guerra contra Lopez. Vinte anos depois, na segunda conflagração mundial, cometemos o mesmo erro. Os incêndios de 14 viraram "quebra-quebra". E, na falta de hussardos para liquidar, chegou a vez dos ulanos, dos "Schützenvereine".

Os Estados Unidos nos venceram neste assunto. Envolvidos na última guerra muito mais a fundo e mais diretamente que o Brasil, jamais proibiram a continuidade das tradições germânicas lá enraizadas. Pelo contrário, chegaram — com perfeito bom senso e total sucesso — a utilizar norte-americanos, descendentes de japoneses, na luta contra o próprio Japão.

De todos estes pecados cometidos no passado, resta-nos algum consolo: a obra magnífica realizada na Secretaria de Educação pelo sr. Coelho de Souza, e a esperança de que saibamos corrigir-nos no futuro. (Investigação realizada em fevereiro último, por ocasião de uma viagem de estudos da Associação Araujo Porto Alegre, de Porto Alegre, RGS)